

OUTRO "CONTRABANDO LITERÁRIO" DE JORGE AMADO NOS LARES ESQUERDISTAS MOÇAMBICANOS DO PERÍODO COLONIAL (1954-1975)?

ANOTHER "LITERARY SMUGGLING" OF JORGE AMADO IN THE MOZAMBICAN LEFT-WING HOUSEHOLDS DURING THE COLONIAL PERIOD (1954-1975)?

Dérick NDONG OBIANG

Université Perpignan Via Domitia/CRESEM

Resumo:

A metáfora do "contrabando literário" empregada pelo escritor Graciliano Ramos em 1938 para determinar o modo de circulação clandestina das obras controvertidas de Jorge Amado do Brasil até a Europa, em nossa opinião, estava longe de ser visto como uma ironia simples ou uma crítica severa. Sob o estófo de uma "literatura revolucionária" segundo Graciliano, percebemos que esse fenômeno de contrabando literário foi ainda mais factual a partir dos anos 50 do outro lado do Atlântico, em Moçambique. Depois de sofrer muitas censuras e interdição de livrarias sob o regime ditatorial de Getúlio Vargas (1930-1954), os livros do romancista baiano continuaram o seu percurso "oculto" para se encontrar em outra zona de tensão, onde o militantismo disfarçado nos livros dele vai impactar lares esquerdistas de jornalistas e escritores moçambicanos. Em uma dinâmica de "travessia trocadas" de acordo com Mia Couto, vai se desenvolver uma espécie de triângulo em perpetua construção entre Jorge, o Brasil e a África.

Palavras chaves: Contrabando literário – obras - Jorge Amado – Lares esquerdistas moçambicanos

Abstract:

The metaphor of "literary smuggling" used by the writer Graciliano Ramos in 1938 to determine the mode of clandestine circulation of the disputed works of Jorge Amado from Brazil to Europe, was, in our opinion, far from being seen as a mere irony or harsh criticism. Under the carrure of a "revolutionary literature" according to Graciliano, we have found that this phenomenon of literary smuggling was even more factual from the 50's across the Atlantic, in Mozambique. After having suffered numerous censures and bans of bookstores under the dictatorial regime of Getúlio Vargas (1930-1954), the books of the Bahian writer continued their "hidden" journey to find themselves in another zone of tension, where the activism camouflaged in his works will impact the leftist homes of Mozambican journalists and writers. In a dynamic of "crossed exchanged" according to Mia Couto, will develop a kind of triangle in perpetual construction between Jorge, Brazil and Africa.

Keywords: Literary smuggling – works – Jorge Amado – mozambican left-wing households

INTRODUÇÃO

Não há dúvida nenhuma que Jorge Amado (1912-2001) foi o mais internacional escritor brasileiro da sua geração. Através de suas histórias, o romancista baiano conseguiu ampliar sua visão da identidade e da cultura brasileira para fora do país. Seus livros, então censurados no território nacional, já precediam seus passos fora, antes de começar a se exilar por causa da intensificação da repressão de Getúlio Vargas contra os intelectuais de esquerda, após o Intentona Comunista de 1935. O romance *Capitães da Areia* que saiu em 1937, quando ele ainda estava em seu giro na América, abalou a sensibilidade do país e o próprio Getúlio pelos temas que tratava dentro. Ele ordenou à polícia política que incendiasse o livro e os precedentes em público, também queimaram alguns títulos de escritores como José Lins do Rego e Graciliano Ramos. Lembre-se que

dos 1.800 livros queimados em Salvador na contemplação da censura, mais de 90% foram obra de Jorge¹.

Neste contexto de repressão do Estado Novo e de bloqueio do mercado editorial nacional, as obras queixadas de Jorge encontraram novo sopro por outro lado do Atlântico nas colônias africanas de língua portuguesa. Isto é o que ajudou a criar outro “contrabando literário” entre as livrarias e os leitores esquerdistas de Moçambique, dado que o então governo colonial expressou seu desacordo com a ideia de introduzir esses livros que já foram censurados no Brasil e na metrópole. Literalmente, o contrabando é visto como a introdução clandestina de mercadorias proibidas que entram num país. Também se refere a qualquer comércio que se efetua na ilegalidade ou uma ação ilícita que se faz ocultamente². Essa observação leva a compreender como o conceito de “contrabando”, com sua conotação comercial, foi deslocado para uma abordagem crítica puramente literária do “contrabando literário”.

Nesta altura já podemos levar à tona três perguntas essenciais deste trabalho: Como nasceu a metáfora de “contrabando literário” na esfera intelectual brasileira? Qual é a ligação com o conceito de migração tão frequentemente mencionado? E como os objetos literários de Jorge Amado conquistaram os lares esquerdistas de Moçambique apesar das repressões dos colonos?

Não podemos levar a cabo esta reflexão sem definir um enfoque teórico e um método de análise das informações lidas. É importante ressaltar, por um lado, o modelo fundamental da teoria da migração “repulsão – atração” de Lewis A. W e a noção de circulação migratória de Simon Gildas, que foram retomados por Gérard-François Dumont³. Por outro lado, vamos evocar um método já utilizado pelo jornalista e escritor moçambicano Mia Couto que abordou a importância de Jorge Amado na formação das literaturas africanas de língua portuguesa no prisma de um triângulo em construção formado por três vértices: Jorge, o Brasil e a África⁴. Ao estabelecer uma relação analógica entre o nosso objeto de estudo e a teoria da migração de Lewis A. W, nota-se o seguinte: o fenômeno de “repulsão” refere-se ao ambiente de coerção que existia no Brasil e em Moçambique em relação ao conteúdo subversivo dos livros de Jorge. Enquanto, a força de “atração” desses objetos literários foram esses intelectuais moçambicanos que descobriram nas letras do escritor baiano uma inspiração para combater a opressão e o domínio do colono.

Nosso raciocínio ao longo deste estudo se concentrará em dois eixos. Primeiro vamos fazer uma gênese histórico-literária da metáfora do “contrabando literário” usado em 1938 por Graciliano Ramos respeito ao modo de circulação da obra de Jorge Amado no estrangeiro e estabelecer um vínculo com o conceito de migração. Em segundo lugar, vamos avaliar as perseguições e o processo de clandestinidade da obra de Jorge Amado em Maputo sob o regime colonial.

I- O “CONTRABANDO LITERÁRIO” E O CONCEITO DE MIGRAÇÃO

I-1. Graciliano Ramos e a sua metáfora

No início dos anos 30, ficou claro que a apreciação dos romances no meio intelectual brasileiro era fortemente influenciada pelas ideologias implícitas de cada escritor. Em 1934 o romance *A selva* de Ferreira de Castro foi elogiado por Jorge e seus

¹ AGUIAR, 2019, p. 125.

² Dicio, 2016.

³ DUMONT, 2010, p. 21-33.

⁴ *Ibidem.*, p. 186.

colegas da Academia dos Rebeldes⁵ como um romance proletário por causa da apresentação da sua Amazônia no prisma de uma realidade de patrões, capatazes e escravos. Outros intelectuais liberais e modernistas, por outro lado, contestaram o livro como sendo absurdo e ofensivo para a nação⁶.

Era evidente sentir essa divisão entre o romance do Norte e o romance do Sul, os escritores esquerdistas e os escritores católicos. Uma fratura irreversível que Graciliano explicou sob três dimensões: a distinção geográfica, a distinção estética e a distinção ideológica⁷. Os escritores da Esquerda como os da banda dos Rebeldes recusaram o intelectualismo dos escritores paulistas e baianos influenciados pelo modernismo. Eles queriam criar uma identidade literária baiana, afastando as letras da retórica vã para uma nova estética e ideologia com conteúdo nacional e social. Os livros deles, cheios de panfletos, foram objetos de interdição nas livrarias além de enfrentar críticas ruins em tertúlias e editoriais da Direita. Sobre esse assunto, Graciliano, grande partidário do romance psicológico, falava de “literatura revolucionária” e achava que fosse uma besteira e algo mau⁸. Graciliano Ramos questionou a rapidez da propagação prodigiosa das obras contestadas de Jorge fora do país e, segundo a biógrafa Joselia Aguiar, ele disse o seguinte:

O *Jubiabá* francês, uma espécie de “contrabando literário”, como concluía Graciliano [...]. “Que dirão em Paris vendo pretos e esfarrapados que há nos livros de Sr. Jorge Amado? Naturalmente dirão que vivemos numa terra de percevejos e moleques”. [...]. “Entre nós ganha por estar em língua estrangeira e custar caro” disse, e vaticinou: “Pessoas finas que desprezam o volume de José Olympio vão achar excelente mercadoria importada”⁹.

Segundo as preocupações de Graciliano, o “contrabando literário” de Jorge se explica sob duas hipóteses empíricas: a primeira razão é de natureza comercial, e a segunda, mais importante em nossa opinião, é puramente político-literária. O romance *Jubiabá* foi publicado pela editoria Gallimard com o título de *Bahia de tous les saints* em 1938, sob a influência de um dos críticos franceses da obra, Jean-Paul Sartre. Aguiar revelou que, de acordo com as contas feitas por Graciliano, com apenas uma cópia da tradução do livro, o romancista baiano ganhou três ou quatro vezes o preço de um livro nacional¹⁰. Ademais, lembre-se que, de um ponto de vista político e literário, a história do negro Antônio Balduino era contra a cultura e os princípios democráticos e sociopolíticos da França. Um livro protagonizado por pretos, moleques e que aborda assuntos tabu da baixa sociedade trabalhadora, misturando espiritualidades africanas e afro-brasileiras, devia servir apenas uso interno para preservar a honra e a reputação do país no estrangeiro. A tomada de consciência política em que termina a narrativa, lançando o herói numa luta sindical¹¹ poderia influenciar o imaginário coletivo da classe trabalhadora francesa que era então guiada por princípios capitalistas.

⁵ Era um grupo composto por políticos e escritores comunistas de diferentes idades, quase todos originários da Bahia, havia: Aydano do Couto Ferraz, Dias da Costa, Édison de Souza Carneiro, João Cordeiro, Clóvis Amorim, Alves Ribeiro, Da Costa Andrade, Sosígenes Costa e o próprio Jorge Amado. Segundo Joselia Aguiar, o nome de Academia dos Rebeldes era uma paródia da Academia de Letras da Bahia semelhante a prestigiosa e conservadora Academia de Letras Brasileira

⁶ AGUIAR, 2019, p. 87.

⁷ *Ibidem*, p. 88.

⁸ *Ibidem*., p. 99.

⁹ *Ibidem*., p. 131.

¹⁰ *Idem*.

¹¹ BALDRAN, 1989, p. 48.

A tradução francesa de *Mar morto*, cuja versão original saiu antes em 1935, por Michel Berveiller e Pierre Hourcade¹², não é suficiente, em nossa opinião, para lhe desfazer do sentido profundo mesmo da metáfora usado por Graciliano. De fato, estamos convencidos de que o “contrabando literário” é uma afirmação que se refere muito mais à incoerência entre a militância disfarçada na obra de Jorge (dimensão político-literária) e sua recepção inesperada em países inóspitos a essas ideologias, do que a conquista do mercado internacional graças a tradução da obra em línguas estrangeiras (dimensão mercantil). Havia uma relação estreita entre o político e o escritor. A militância de Jorge Amado forneceu a matéria literária que forjou sua trajetória como escritor¹³. Portanto, qualquer reflexão sobre o personagem deve incluir as duas facetas, incluindo a que trata do fenômeno de “contrabando literário” de sua obra no exterior.

I-2. O “contrabando” e o conceito de migração

Mesmo que, em nosso estudo, não se trate da mobilidade dos indivíduos, porém, nossos elementos migrantes aqui são livros que seguem os mesmos padrões de circulação migratória. Na verdade, o “contrabando literário” deve se referir à dimensão simbólica e imaginária dos movimentos de migrações e de circulação clandestina dos textos amadianos até regiões inóspitos às ideologias revolucionárias disfarçadas neles. É evidente que essa “clandestinidade” das obras se desenvolvia não só com “um modelo de restrições e de conhecimento” do lugar de expulsão e do lugar de recepção (o Brasil e o Moçambique), como também com um sistema de “circulação migratória” comum¹⁴ entre a produção literária de Jorge e o Moçambique.

De 1936 a 1954, escritores como José Lins do Rego, Graciliano Ramos, Cassandra Rios, Raquel do Queiroz, Erico Veríssimo, Cyro dos Anjos etc., autores do mesmo tipo de romance que Jorge, se depararam com a opressão e censura do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), bem como as críticas negativas dos escritores e jornalistas de Direita. “Várias formas de controle direto e indireto existiam, uma delas foi o decreto assinado por Getúlio Vargas em 1938 que estabeleceu a isenção fiscal para a importação do papel”¹⁵. Era uma espécie de ameaça dirigida aos editores e intelectuais de esquerda, na qual se encontrava Jorge Amado. Moçambique, que acolhe as controversas obras de Jorge no Brasil e na metrópole, também não era um lugar favorável e fácil de integração porque eles viviam sob o regime da ditadura colonial, porém, os intelectuais de esquerda eram a força de atração que facilitava sua circulação nos focos de resistência.

II- PERSEGUIÇÕES E CLANDESTINIDADE LITERÁRIA DE JORGE EM MAPUTO

II-1. Jorge e a interdição dos objetos literários

O colono português ainda estava relutante em emancipar seus “súditos” e decidiu intensificar as medidas de censura contra qualquer inclusão de matérias literárias capazes de ajudá-los neste sentido. Segundo Cláudio Jone, Moçambique não escolheu ficar à margem deste processo de bloqueio de objetos literários:

La présence croissante dans la presse de textes littéraires inspirés de la négritude, incitant de plus en plus à la révolte pour la libération des colonies, a eu comme effet le renforcement de la censure préalable. [...] consciente que cette incitation « au réveil des

¹² AGUIAR., *op. cit.*, p. 132.

¹³ ROSSI, 2009, p. 23.

¹⁴ DUMONT, 2010, pp. 22-33.

¹⁵ DE MELO, 2016, p. 182.

peuples opprimés » se poursuivrait sous des techniques littéraires bien camouflées¹⁶ [...].

Como aconteceu no Brasil durante o Estado Novo de 1930 a 1954, a administração colonial de Maputo também operou uma manobra ao adquirir, em 1964, o jornal moderado *Notícias*, um diário de Lourenço Marques fundado em 1926, e transformando-o em instrumento de propaganda¹⁷. Essas medidas de ocultação tomadas pelas autoridades coloniais não impediram a incursão clandestina de obras controversas. Nas décadas de 50, 60 e 70, vários autores subversivos e controversos do Brasil desembarcaram em Maputo para serem fontes de inspiração para políticos e homens de letras que tinham o desejo comum de buscar sua própria identidade individual e coletiva, acabar com o modelo europeu, e libertar-se do domínio do colono. Na clandestinidade vieram títulos de autores como Manuel Bandeira, Mario Andrade, Rachel Queiroz, Lins do Rego, Erico Veríssimo e tantos outros. Mas neste contingente de escritores, “Jorge Amado foi destacado porque os seus livros atravessaram o Atlântico”¹⁸ antes, impactando a imaginação coletiva dos povos oprimidos das colônias portuguesas em África e em Moçambique, em particular.

Desapontado com o stalinismo e, principalmente, com a fragmentação do Partido Comunista Brasileiro (PCB), em 1957, Jorge Amado abandonou oficialmente a militância partidária para se concentrar exclusivamente em suas atividades literárias¹⁹. Em todos os casos, a literatura da “identidade nacional” obteve resultados mais concretos do que a política de “interesse nacional”. Enquanto a segunda se fecha tecnocraticamente, a primeira abre-se ao imaginário²⁰. As novelas continuaram a luta que as atividades partidárias pararam de levar. Por isso, apesar da desilusão stalinista, nunca reescreveu os seus romances em que defendia aquela ideologia comunista²¹. Devido às ideologias revolucionárias que estão incorporadas na obra amadiana, em Maputo, foi-lhes proibido o acesso a livrarias e editores:

Nós vivíamos sob um regime de ditadura colonial. As obras de Jorge Amado eram objeto de interdição. Livrarias foram fechadas e editores foram perseguidos por divulgarem essas obras. O encontro com o nosso irmão brasileiro surgia, pois, com épico sabor da afronta e da clandestinidade²².

Este processo de censura do colono português vai alimentar outro contrabando literário de Jorge durante o período colonial em Moçambique. Mia Couto conta que a única solução para ler Jorge era desafiar as ordens do colono compartilhando clandestinamente as obras. *Os subterrâneos da liberdade* um dos seus romances de conteúdo explicitamente político, no qual tentava narrar a luta comunista contra a ditadura do Estado Novo e o fascismo em geral, se partilhava na clandestinidade entre os intelectuais moçambicanos da Esquerda contribuindo para a mística da escrita e do escritor.

¹⁶ JONE, 2004, p. 281. [Tradução pessoal: A crescente presença na imprensa de textos literários inspirados pela negritude, incitando cada vez mais à revolta pela libertação das colônias, teve como efeito o reforço da censura prévia. [...] consciente de que este incitamento “ao despertar dos povos oprimidos” continuaria sob técnicas literárias bem camufladas [...].]

¹⁷ *Ibidem.*, p. 281.

¹⁸ COUTO, *op. cit.*, p. 189.

¹⁹ DUARTE PERREIRA, 1989, pp. 78-79.

²⁰ PORTELLA, 1989, p.33.

²¹ COMBES, 1989, p. 16.

²² COUTO, *op. cit.*, p. 191.

II-2. Circulação da obra de Jorge em Maputo

Embora Jorge não pudesse ser lido na metrópole durante a ditadura de Salazar, parecia que seus livros circulavam quase sem proibição nas colônias africanas. A surpreendente normalidade e o laxismo das autoridades diante desta clandestinidade literária se apoiaram numa hipótese: a elevada taxa de analfabetismo dos indígenas. De fato, a ideia compartilhada pelos colonos era que os africanos eram iletrados e não tinham acesso à aprendizagem da leitura e que eles eram obrigados a permanecer na oralidade tradicional²³. Ao falar em breve sobre a circulação da obra de Jorge em Moçambique, a biografa Joselia Aguiar sublinhou estas palavras de Mia Couto:

A deia talvez fosse a de que os cidadãos das colônias fossem ignorantes e iletrados. O meu pai comprou-os abertamente nas livrarias de Moçambique. Vivíamos sob a dominação colonial, mas o meu ambiente familiar era de oposição ao regime. [...]. A novela teve um efeito de despertar; sentia os personagens como que emergindo das ruas da minha pequena cidade²⁴.

O jornalista e poeta de esquerda Fernando Couto, pai de Antônio Couto (Mia Couto) era um leitor experiente de Jorge. Mia Couto, então jovem, se lembrava que seu pai comprava facilmente as novelas do escritor brasileiro nas livrarias de Maputo sem nenhuma apreensão policial. Vivendo sob dominação colonial, a esquerdista família Couto tinha paixão por dois escritores subversivos do Brasil: Jorge Amado e Graciliano Ramos²⁵. Mesmo que ele tivesse dito que só Guimarães Rosas o influenciara mais, depois de ler a história de *Quincas Berro D'água*, aprendeu dois aspetos estéticos em Jorge: a transgressão entre a oralidade e a escrita e a descoberta entre o mundo e a ficção²⁶.

Mia Couto salienta que o fascínio dos escritores moçambicanos pelo romance de Jorge foi, em primeiro lugar, por uma razão literária. Eles precisavam de uma escritura que os moldasse, de uma narrativa que escrevessem por si mesmos. E nesse sentido, além de Ricardo de Zé Lins com *O moleque*, Jorge de Lima com seu livro *Calunga*, o escritor baiano com *Jubiabá*, todos lançados em 1935, era o “pioneiro em histórias protagonizados por personagens negros”²⁷. O escritor moçambicano se lembra também que “um dos segredos do seu fascínio era a sua artificiosa naturalidade, a sua elaborada espontaneidade, a capacidade de construir enredos e personagens que o leitor jamais esquecerá”²⁸. Na verdade, o uso da linguagem escrita pela linguagem falada no romance de Jorge tornou a leitura mais fácil para os indígenas africanos que ainda estão em oralidade. Uma estética na escrita que o aproximava mais dos leitores indígenas de Moçambique do que outros escritores brasileiros.

Numa entrevista ao maior poeta moçambicano José Craveirinha que destacou a importância da narrativa amadiana na formação da literatura moçambicana, o então jornalista Mia Couto ressaltou estas palavras: “Numa dada altura, porém, nós nos libertámos com ajuda dos brasileiros [...] Quando chegou o Jorge Amado, nós tínhamos chegado a nossa própria casa”²⁹. Nos seus livros, o romancista baiano criou enredos e sobretudo personagens inesquecíveis que marcaram gerações de leitores moçambicanos. Personagens extraordinários que se tornaram ídolos na realidade e que, neles, têm reunido todas as características psicossociais e, embora seja ficção, faziam parte da mesma

²³ MARGARIDO, 1988, p. 59.

²⁴ AGUIAR, *op. cit.*, p. 507.

²⁵ COUTO, *op. cit.*, p. 190.

²⁶ AGUIAR, *op. cit.*, p. 507.

²⁷ *Ibidem.*, p. 100.

²⁸ COUTO, *op. cit.*, p. 190.

²⁹ *Ibidem.*, pp. 193-194.

comunidade de sofrimento e miséria que esses leitores da classe inferior. Como já foi dito anteriormente, se o “contrabando literário” de Jorge se explicava pela incoerência do militandismo político disfarçado em seu romance e sua surpreendente presença em países inóspitos ao comunismo, também é importante ressaltar que as suas histórias, sem saber, correspondiam bem à ideologia da negritude tão procurada pelo povo moçambicano ainda oprimido. Graças aos personagens literários como Pedro Bala em *Capitães da areia* e Antônio Balduino de *Jubiabá* entre outros, alguns indígenas ganharam coragem, e confiança na força da “raça negra” para lutar ainda mais pela libertação do seu país. O mesmo aconteceu com Vadinho, com Guma, ou com personagens femininos como Tieta, Dona Flor, Gabriela, Tereza Batista, Adalgisa e tantos outros personagens fantásticos³⁰.

CONCLUSÃO

É verdade que em 1954 Jorge Amado deixou oficialmente a militância política após a desilusão do stalinismo e a fragmentação do PCB. No entanto, deixar o partido não implica uma desvinculação em favor do povo, da liberdade e da luta contra todas as formas de opressão. A expulsão dos dogmas convencionais do partido permitiu um relaxamento poético e uma libertação em vários níveis que começaram a se desenhar em Jorge, o escritor. Então seus romances continuaram a luta que o ativismo parou de conduzir. De 1954 a 1975, o ativismo disfarçado em suas ficções literárias ajudará mais ou menos os povos ainda oprimidos do outro lado do Atlântico a tomar consciência e a se despertar face ao domínio do colono português em Moçambique. O contrabando literário de Jorge em Maputo operou-se milagrosamente num ambiente cheio de incongruidade caracterizado, por um lado, pela censura dos objetos literários esquerdistas e um laxismo das autoridades respeito à incursão das obras dele devido à prejuízos sobre a ignorância dos indígenas e, por outro, uma resistência crescente dos intelectuais da Esquerda.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Joselia (2019). *Jorge Amado: uma biografia*, Cidade de Córdoba: Publicações Dom Quixote.

BALDRAN, Jacqueline (1989). « Chanson de Bahia, chanson de la liberté », in Hilsum François (dir), *Jorge Amado*, Paris, Collectif, *Europe*, pp. 47-58.

COMBES, Francis (1989). « Propos d’un romancier », in Hilsum François (dir), *Jorge Amado*, Paris, Collectif, *Europe* pp. 6-19.

COUTO, Mia (2012). “A importância de Jorge Amado para os escritores e as literaturas dos países africanos de língua portuguesa”, *Via Atlântica*, nº 22, São Paulo, pp. 185-194.

DE MELO, Ana Amélia M.C (2016). “Jorge Amado: A militância das letras”, *Latin American Research Review*, Vol. 51, nº 1, pp. 181-197.

DICIO, *Dicionário Online de Português* 2016. URL: <https://www.dicio.com.br/contrabando/>, [consultado o 20/11/2024]

DUMONT, Gérard-François (2010). « Épistémologie de la Science de la migration », in : Marginaux, Vincent, *Les mobilités*, Paris, Éditions Sedes, ISBN 978-2-718-19962-7, pp. 15-36.

³⁰ *Ibidem.*, p. 191.

JONE, Cláudio Ilídio (2004). « Les « gauchistes orphelins ». Presse et pouvoir dans le Mozambique post-colonial (1975-1990) », in *Lusophonie*, n° 11, Médias pouvoir et identité, pp. 281-294.

MARGARIDO, Alfredo (1988). « Littérature et identité », in *Politique africaine, Mozambique : Guerre et nationalisme*, pp. 58-70, URL :https://www.persee.fr/doc/polaf_02447827_1988_num_29_1_5157, [Consultado o 19/11/2024]

PEREIRA, Osny Duarte (1989). « Chronologie du Brésil de Jorge Amado », in Hilsum François (dir), *Jorge Amado*, Paris, Collectif, *Europe* pp. 73-81.

PORTELLA, Eduardo (1989). « La terre sans terreur » (traduit du portugais par Isabel Meyrelles), in: Hilsum François (dir), *Jorge Amado*, Paris, Collectif, *Europe* pp. 32-36.

ROSSI, Luiz Gustavo Freitas (2009). “A militância política na obra de Jorge Amado”, in SCHWARCZ, Lilia Moritz; GOLDSTEIN e Ilana Seltzer (Org), *O Universo de Jorge Amado: Cadernos de leituras*, Companhia das Letras, pp. 22-23.